

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020

ESTUDO SOBRE O FEMINISMO DE ANGELA DAVIS E O MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO BRASILEIRO

Laene da Silva Abade (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas, Fundação Araucária, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Daniele de Andrade Ferrazza (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: laene_abade@hotmail.com

Palavras-chave: Mulher Negra. Angela Davis. Interseccionalidade.

O objetivo desse trabalho foi investigar as relações e divergências entre o movimento feminista negro nos EUA e o feminismo negro no Brasil. Trata-se de um estudo bibliográfico, no qual, primeiramente, foi realizada a análise do livro “Mulheres, raça e classe” de Angela Davis com intuito de contextualizar a história do movimento feminista negro americano e verificar as principais noções históricas e sociais apresentadas pela ativista. Posteriormente, foram selecionados e analisados, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão definidos na metodologia, 18 artigos científicos brasileiros publicados na base de dados da SciELO com os seguintes indexadores: Feminismo Negro, Angela Davis, Interseccionalidade e Movimento Negro. O movimento feminista que possibilitou a disseminação de concepções para abolir as desigualdades que as mulheres viviam, apresentou para além da luta pela igualdade de gênero inúmeras dificuldades devido ao modo como a sociedade concebia a mulher negra, visto que esse é diferente do modo como se compreendia a mulher branca e, conseqüentemente, também no âmbito do movimento feminista, as demandas das mulheres negras sempre estavam à margem e ofuscadas nas pautas “brancas”. Nesse sentido, Angela Davis (1944 - atual), famosa ativista da sociedade americana, atua principalmente com jovens negros que sofrem constantemente racismo, maus tratos policiais e segregação. Em sua obra “Mulheres, raça e classe”, procurou demonstrar de maneira epistemológica o modo como os diferentes tipos de opressões – gênero, raça, classe – estruturam a sociedade, se entrecruzam e combinam, sendo necessário analisar todas as categorias que abrangem a luta das mulheres. Na análise das publicações brasileiras, foi possível compreender que seus primórdios ocorrem com o fim da escravidão, momento em que o movimento negro não se portava de maneira independente, mas como um conjunto de homens e mulheres participando de maneira ativa e homogênea no interior das agremiações. O foco da luta estava ligado as questões de raça e pouco se falava sobre as especificidades da mulher negra. É possível analisar, através do material bibliográfico estudado, que a constituição do feminismo negro brasileiro e o feminismo de Angela Davis possuem muito mais semelhanças do que diferenças. As agremiações demonstravam possuir um caráter exclusivo de luta, isto é, o feminismo branco lutava pelas mulheres brancas e os homens negros pelos negros, ambos não possuíam um espaço adequado para as pautas das mulheres negras em seu movimento. Todos os grupos tinham objetivos atrelados a princípios coletivos identitários, mas não relacionados a um sistema injusto e desigual. Conclui-se que as interfaces entre o feminismo norte-americano e o feminismo negro no Brasil são perpassadas pela estrutura social dominante e ao se falar sobre a luta feminista é necessário um movimento que inclua todas as formas de ser mulher, sendo o feminismo interseccional o mais potente para embasar a luta feminina atualmente.

IX SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 a 24 de Janeiro de 2020